

Esse Lugar

Berta Dávila



«Um livro belo, leve e intenso que não procura respostas,
mas a dignidade das perguntas.»

EL PAÍS



Para o Juanma, ele sabe porquê

Preâmbulo

AS FLORES TRÍMERAS

Dez dias antes do Natal, a minha amiga Lucía disse-me que um livro que fala da sua própria escrita é como uma criança que nasce morta, que isso desfaz o prodígio, que para ela não é literatura, mas outra coisa, e que detesta essa outra coisa. Quando mo diz, estamos sentadas nos bancos de plástico do aeroporto, à espera de que anunciem a porta de embarque do seu voo de regresso a Madrid. Eu respondo que não tenho a certeza de que assim seja e que, se assim for, não tenho a certeza se me importo. Ela encolhe os ombros.

A Lucía regressa a casa para passar algum tempo com a família antes de se casar no final do mês. Acompanho-a de carro até ao aeroporto, com a sua mala de rodas e a sua falta de vontade, para lhe tornar mais leve a viagem. Explico-lhe que, quando escrevo sobre escrever, não escrevo sobre escrever, e que escreveria sobre meias e espartilhos se trabalhasse numa loja de *lingerie* e sobre cloro e metros cúbicos de água se tivesse passado algum tempo a limpar o fundo de uma piscina. Explico-lhe também que, quando escrevo sobre escrever, a escrita não faz parte do mundo das ideias, mas do mundo dos objetos, e que, quando digo *romance* num romance, ou *poema* num poema, o faço como quem diz *árvore*, ou *casa*, ou *rio*, e não como quem diz *desflorestação*, *habitável* ou *hidrografia*. Pergunta-me então pelo meu filho e pelo romance em que estou a trabalhar — as duas coisas pelas quais as minhas amigas me perguntam. A seguir olha para o relógio

e para a pista de aterragem através da vidraça e mantém-se em silêncio por um instante.

Os aviões são lugares intercambiáveis, não são apenas veículos para partir ou regressar, mas espaços à parte do tempo, ou onde o tempo ganha a dimensão de um lugar. Quando viajamos de avião, não importa a paisagem que desliza sob a janela; importa, sobretudo, a duração do percurso. Num aeroporto, importa a duração da espera. Enquanto aguardo com a Lucía, insisto em contar-lhe que, quando comecei a escrever o livro, tinha a firme intenção de que não falasse sobre escrever, porque era um romance sobre um filho e uma mãe, e, para escrever sobre um filho e uma mãe sem me sentir interpelada, eu precisava de que a protagonista não se parecesse comigo nem um bocadinho.

Na verdade, não tenho a certeza de que fosse um romance sobre um filho e uma mãe. Acho que era um romance sobre os vínculos de vários tipos e sobre as três fases da vida. Dei-lhe um título que me parecia evocador: *As Flores Trímeras*. Digo-o à Lucía como se lhe fizesse uma grande confissão, mas a Lucía tem um hábito insuportável: nada a entusiasma, é como se lhe fosse impossível emitir uma opinião trivial, nem sequer por cortesia, e precisasse de digerir por completo um acontecimento antes de tomar partido. Por isso, quando lhe digo o título que escolhi para o romance, volta a encolher os ombros e responde qualquer coisa, um pouco desorientada, sem tempo para avaliar conscienciosamente, como costuma, se gosta ou não, e percebo que a sua falta de vontade de regressar a Madrid é maior do que eu imaginava.

No livro, havia uma mãe que acabara de perder o filho de poucos meses num acidente de viação. A mãe era locutora numa emissora de rádio local e vivia sozinha. Durante

o período de luto, mudara-se para o apartamento da avó, uma mulher já idosa que sofria de algum tipo de demência e tinha problemas de mobilidade, sendo também a única família que lhe restava. A Lucía pergunta-me se essa personagem é parecida com a minha avó María. Digo-lhe que provavelmente sim, claro, e explico-lhe alguns pormenores do comportamento da minha avó María durante os últimos meses. Por exemplo, que quase sempre me reconhece assim que me vê, mas, por vezes, esquece-se das novidades ou confunde os tempos; que me pergunta por notas e exames, assumindo que ainda sou estudante universitária, e também pelo pai do meu filho, como se a separação entre mim e o Miguel nunca tivesse ocorrido. Às vezes, parecem-me descuidados intencionais, porque esquece frequentemente as partes que contrariam os seus desejos e quer saber coisas sobre uma vida que não é a minha, mas que se assemelha, de forma suspeita, àquela que — tenho a certeza — imaginou para mim. Não tenho nenhum argumento que confirme essa ideia: a minha avó María esquece-se também de receitas e de nomes próprios, fala de amigas suas que morreram há muitos anos como se estivessem vivas e a tivessem visitado na semana anterior, e troca as estações do ano.

Atribuíra a confusão da minha avó sobre acontecimentos recentes, com uns acrescentos, à personagem do meu livro, que vivia num extravio absoluto. A demência da personagem da avó era conveniente para a personagem da mãe, porque lhe permitia estar com alguém sem ter de falar do filho morto. A demência da personagem da avó misturava-se com o luto da mãe: ambas ficavam um pouco à margem do mundo e da frivolidade das rotinas diárias, mas construía a sua própria, como se estivessem perplexas por estarem vivas, mas não tivessem outro remédio. A mãe cuidava da avó, e as duas

cuidavam de um jardim durante a primavera. Eu queria que plantassem túlipas, porque é uma flor importante para mim e porque explicava o título do livro, mas percebera, com enfado, que as túlipas têm de ser plantadas no inverno. Isso obrigara-me a recuar a linha temporal da narrativa alguns meses, a reescrever os acontecimentos do inverno e passá-los para o outono, os do outono para o verão, para as duas poderem plantar túlipas em dezembro, como deve ser. Foi essa a primeira advertência — discreta — de que o livro não funcionava. Pode parecer uma estupidez, mas, a partir daí, tudo começou a desencaixar-se e, no momento de contar o enredo do livro à Lucía, eu já tinha quase a certeza de que havia algo nele que nunca me permitiria pô-lo de pé.

Há muito tempo que os aeroportos me desagradam. Detesto a temperatura que têm sempre, aquela leve frescura, como a de uma farmácia, pouco contrastada entre diferentes zonas. Também detesto a falsidade com que aparentam ser lugares asséticos. Parecem cenários limpos, fora um ou outro pequeno desastre localizado: um caixote do lixo a transbordar ou um tabuleiro de plástico com café entornado, que alguém abandonou numa mesa afastada, depois de ter tentado conter a catástrofe com guardanapos de papel. Tirando esses defeitos, os aeroportos são lugares de aspeto estéril que, na verdade, estão completamente impregnados de pequenos germes invisíveis, consequência do trânsito incessante de pessoas que vão de um lugar para outro.

A Lucía diz-me que lhe parece difícil falar sobre mães num livro. «Suponho que tens muitas coisas a dizer a esse respeito», diz também. Quis responder qualquer coisa, assinalar que já escrevera antes sobre mães e filhos, mas sabia

que não era verdade. Quando escrevia sobre um filho e uma mãe, fazia-o jogando às escondidas, tentando sair depressa do imbróglio. Tornara-se para mim um propósito incômodo, um desejo que, por vezes, parecia um compromisso, porque eu era mãe e, de algum modo, também devia ser mãe na ficção.

Nos meus livros, a mãe e o filho estão sempre dentro de um cenário imóvel, recolhidos entre dois diques de contenção que não lhes permitem expandir-se. Protagonizam pequenas historietas encapsuladas, quase sempre inoportunas, como uma mancha no meio de mais alguma coisa. Essas bolhas funcionam na minha narrativa da mesma forma que um sonho, um fantasma, uma sombra ou uma flor silvestre a meio do caminho. Por vezes, servem para antecipar medos e conjecturas sobre a protagonista; outras, são uma forma de deixar um borrão de óleo ou de café que mancha a minha página impoluta e passa para o outro lado, como uma aberração.

Costumo dizer em público que não sou capaz de escrever extensamente sobre as mães e sobre os filhos por isso me parecer difícil ou doloroso, mas a verdade é bem diferente. Sabia que era um livro por escrever, e também sabia por que razão o evitara durante tanto tempo.

Para começar, detestava o léxico. A palavra *gravidez*, por exemplo. A palavra *bebé*, também. Tão-pouco suportava a palavra *embrião*, e considerava que os conceitos técnicos, que não podem ser nomeados de outra forma, estragavam a poesia. E, obviamente, a palavra *aborto*. Escrevi sobre o aborto e sobre o embrião sem nunca dizer *aborto* nem *embrião*, e por trás dessa omissão havia vergonha e temor e também a vontade de afastar essas palavras da literatura, como se houvesse palavras próprias para a literatura e outras que não o são, e eu tivesse o dever de as expulsar. Lá arranjava forma de contar

essas coisas sem usar essas palavras tão comuns e, por vezes, confesso, sentia-me orgulhosa.

Há uns meses, uma jornalista muito simpática perguntou-me numa entrevista o que pensava sobre o sucesso das telenovelas turcas, e eu disse-lhe que os temas das telenovelas turcas não são essencialmente diferentes dos temas das tragédias de Shakespeare. Pareceu-me que era verdade, ainda que fosse uma meia-verdade. As telenovelas turcas são vulgares, e as tragédias de Shakespeare não o são — pensava eu —, e não sabia explicar porquê ou porque me pareciam assim. Pergunto à Lucía se lhe parece vulgar escrever sobre um parto. Diz-me que não especialmente, e refere-se ao momento transcendental do nascimento e à chegada de uma nova vida que trilha o seu caminho no mundo. «Dar à luz deve ser uma experiência espantosa», explica. Aparentemente, dar à luz é para ela uma experiência espantosa, mas não me esclarece se parir também o é.

Conto à Lucía que nasci por meio de uma cesariana de urgência e que fizeram à minha mãe uma incisão vertical bastante longa, que começa mesmo abaixo do umbigo; que a sua cicatriz não é impercetível, até engrossou com o tempo como um pequeno cordão rígido e rosado que atravessa a parte inferior do abdómen. «Isso, sim, é vulgar para contar num livro», opina, embora também não me esclareça porquê. «Não sei, um ponto de sutura é vulgar, demasiado trivial», diz pouco depois. Tento defender-me explicando-lhe que escrevo sobre o trivial, e responde-me que, quando eu escrevo sobre o trivial, estilizo sempre o trivial. Se calhar há feridas que não é possível estilizar, nem sequer para a literatura.

Lembrei-me do Carlos, na terça-feira anterior, ao regressar das compras. Desde que vivemos juntos, o Carlos costuma

encarregar-se da logística doméstica na nossa casa. Sabe se falta leite ou café e sabe quanta fruta é preciso comprar para não apodrecer na fruteira nem ficarmos sem laranjas. Eu cozinho, lavo a louça, faço as camas. Ele põe máquinas a lavar e organiza a roupa. É uma repartição tácita, não acordada: é ele que trata dos assuntos que exigem alguma previsão, eu resolvo as tarefas imediatas. O Carlos comprou bananas e maçãs, e, quando voltou da rua, estava eu a escrever na cozinha, bastante dispersa, e olhei para ele a chegar como se fosse transparente. Disse-me: «Às vezes penso que me observas para depois escreveres sobre mim.» E também: «Se calhar podes escrever sobre isto, só que nunca dirias que trouxe bananas e maçãs do supermercado, mas antes pêssegos e groselhas, ou uma coisa pior.» É assim que estilizo o trivial na literatura, pêssegos e groselhas em vez de bananas e maçãs, dar à luz em vez de parir.

No ecrã com os aviões prestes a descolar, aparece finalmente alguma informação sobre o voo da Lucía, que está atrasado, e um aviso de que a porta de embarque será anunciada quinze minutos mais tarde. Antes de nos despedirmos, convida-me a beber um sumo de laranja num desses cafés de aeroporto com sinalética excessivamente cordial e moderna. A Lucía não bebe café. Tenho de ir buscar o meu filho à aula de música ao fim da tarde, mas ainda há tempo. Aceito porque tenho sede; além disso, a Lucía é muito conversadora e devo-lhe uma despedida. Conhecemo-nos há muito e, na verdade, foi ela quem me apresentou ao Miguel, numa festa de fim de ano à qual só fui porque, também naquela vez, devia uma despedida à Lucía. Conto-lhe que os lugares mais sujos dos aeroportos são, por esta ordem, os ecrãs dos multibancos e os botões dos bebedouros. Nem morta seria

capaz de utilizar um desses bebedouros para saciar a sede num aeroporto.

Bebo o meu sumo, falando de qualquer coisa, e interesso-me pelos planos familiares da Lucía para os dias festivos, bem como pelos detalhes do casamento. Ela mostra-me uma fita de flores secas que traz numa caixinha de cartão dentro da mala e que pensa usar na cabeça durante a celebração. É *foleira*, mas digo-lhe que me parece encantadora e que estou desejosa de que chegue o dia, emocionada por faltar tão pouco. Enquanto a guarda de novo na caixa, noto como se solta uma pequena pétala de hortênsia, que antes quase de certeza era azulada e que, ao secar, se tornou pálida e acastanhada. Fala-me da viagem de lua de mel a Lanzarote, como a que os pais fizeram há quarenta anos. O entusiasmo por todos esses preparativos afasta-me da Lucía, mas acho que ela não percebe minimamente que, por dentro, estou ocupada a atirar pela janela o meu livro sobre o filho e a mãe, convencida de que já percebo um pouco melhor porque não funciona. Há uma verdade poderosa nas palavras que sempre me pareceram vulgares ou impróprias, nas maçãs e nos pontos de sutura, no óvulo e no cordão umbilical.

Os aeroportos fingem um certo tipo de sofisticação, sobretudo às segundas de manhã, quando estão desprovidos de turistas. São exatamente o oposto da casa, do sofá que conserva a nossa forma, da manta coçada que escondemos do olhar das visitas. Os uniformes das pessoas que trabalham como assistentes de bordo são a imagem perfeita desse fingimento, um tecido que pretende aquecer e cobrir, mas que, na verdade, despe e revela o que há de cerimonial no protocolo da tripulação de um avião. O meu livro sobre o filho e a mãe era o mais parecido com um uniforme de assistente de bordo que consigo imaginar.

Os aeroportos também são lugares à margem da narrativa, vêm antes de algo acontecer ou depois do que já passou, epílogos ou prólogos, onde ninguém espera que aconteça nada de especial. A Lucía caminha até ao controlo de segurança, e eu observo-a a afastar-se, arrastando os pés. Aceno-lhe e depois regresso ao parque de estacionamento. Conduzo até à escola de música com uma alegria furiosa e renovada. Estaciono sobre o passeio e sinto uma náusea desagradável, na qual se confundem a minha nova fúria e o sumo de laranja que tenho no estômago, mas encontro um rebuçado de menta no porta-luvas que me ajuda com ambas as coisas, e saio do carro, satisfeita por conseguir manter-me de pé sem vomitar.

Prémio da Crítica da Galiza

Prémio Follas Novas para Melhor Livro

Prémio Xerais de Romance

Um dos Melhores Livros Galegos do Ano (*El País*)

Cinco anos depois de se tornar mãe, uma mulher vê-se subitamente diante do dilema de decidir se quer ser mãe novamente. A lembrança ambígua dos primeiros meses do seu filho reflete uma experiência marcada por emoções fortes, mas também por dúvidas e medos, pela culpa e pelo arrependimento, um lugar lamacento onde ela não quer voltar.

A partir do relato das últimas semanas do ano, em que as reuniões familiares se intercalam com acontecimentos inesperados, o romance fala-nos das facetas do amor maternal, da família e da amizade, do luto e dos seus meandros.

Entre o silêncio e o grito, entre o que se diz e o que se cala, nasce uma história profunda sobre a maternidade sem filtros, aquela que não cabe nos *clichés* nem nos retratos perfeitos.

Um romance íntimo e luminoso sobre
as sombras da maternidade e os laços afetivos
que nos sustentam e definem



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-636-9



9 789895 636369